



# (Re)orga**NISE**

3ª EDIÇÃO • RIO DE JANEIRO, MAIO DE 2015 • 2 MIL EXEMPLARES • [reorganise@riseup.net](mailto:reorganise@riseup.net)

R\$ 1,00



*Negritude:  
Nós por Nós*

“Antes de me soltar totalmente das correntes que me prendiam sinto a força da última chicotada bater em minhas costas, sem pensar corro para mata mais próxima, procuro pedras, galhos, qualquer tipo de arma para me defender caso consigam me alcançar, peneiro mais a fundo na escuridão, escuto passos próximos e antes de conseguir fugir novamente sinto uma bala perfurar meu peito esquerdo, com a força do tiro caio por cima do que resta do meu velho vestido, batendo a cabeça em uma pedra e apagando instantaneamente, essa cena passa de maneira rápida e confusa e de repente não sei mais onde estou, se fiquei muito tempo desacordada, abro os olhos e sinto o vento fresco soprar minha pele, estou calma e não sinto dores em meu corpo, percebo que estou deitada em uma rede bordada e delicada, lembro da rede feita por minha avó e quase esqueço que não sei como vim parar aqui, com dificuldade tento ficar em pé, sinto uma mão macia tocar em meu ombro me ajudando a ter equilíbrio, me estabilizo e procuro o rosto para agradecer mas só vejo as mãos no ar me segurando, aceito naturalmente essa magia e só ai descubro todas as cenas utópicas que estão diante dos meus olhos, vejo ao longe mulheres negras com potes de barro na beira de um rio lavando roupa e cantarolando, próximo de mim crianças correm dando gargalhadas e gritos contagiantes, começo a rir junto delas mesmo sem saber o porque estão rindo, suas risadas formam um fundo musical dos mais belos que já tinha imaginado, vejo ao fundo homens cortando e cozinhando bacias de legumes em enormes fogões a lenha, conheço aquela gente, conheço esses sonhos, essa simplicidade, é a minha gente, meus parentes, meus amigos, meus ancestrais, tudo parece negro por aqui, e é por isso que me sinto tão bem, não consegui fugir daquele mundo cruel de momentos atrás, onde me chicotearam e me deram tiros, esse mundo me matou, como sempre fazem com nossa gente, mas ressuscitei como uma mulher livre em um novo mundo. Encan-

tada e respirando liberdade, começo a andar e observo a multidão negra que sorri, comprovo que mesmo com a demora em achar a sociedade sem preconceitos ela realmente existe. Escuto um tambor ao longe começar a tocar, meu coração começa a acelerar e saio correndo seguindo as batidas, abro os olhos percebendo que o som do tambor se transforma em uma música que identifico com muita dificuldade ser a música chata do meu celular velho, fui arrancada do mundo mágico pelo despertador, ainda demoro alguns segundos para entender que nada era real e que toda essa gente não estava aqui no quarto vivendo em uma comunidade sem racismo. Acho graça da minha própria frustração em ter acordado antes de ver mais coisas daquele lugar, decepcionada com a realidade me resta tentar voltar a dormir, quem sabe sonhar novamente.”

Esse sonho podia ser de Conceição, Edna, Luciene, Tia Ciata, Rosângela, Eliete, Karol, no Brasil ou na África, com chicotes ou com o choque, nos manicômios ou na perifa. As dores que sentimos são dores antigas, lembranças de um tempo que vivemos muito antes de nascidas. Histórias de lutas. Pra continuar, nos agarramos à esperança da potencialidade dos projetos atuais e do trabalho de base que tanto acreditamos. A busca pela comunidade enegrecida e colaborativa é desejada por todos nós, o grito de paz que vem dos subúrbios e favelas se torna cada vez mais forte.

Nesse editorial trazemos em imagem o rosto dos que realmente ocupam o Instituto Nise da Silveira, as pessoas pra quem esse jornal quer ser importante, os clientes-internos que sobrevivem ao sistema manicomial, resistindo em sorrir, receber e distribuir afeto. É pra esses tantos em cárcere no andar de cima que persistimos em fazer, sem estruturas básicas, a terceira edição do JORNAL REORGANISE.

É nós por nós.  
Nós vamos reagir!  
A revolução será negra!  
Não vivamos mais como escravas!

pauta antimanicomial. No caminhar da luta, conhecemos o Hospital Psiquiátrico Pedro II, rebatizado de Instituto Municipal Nise da Silveira.

Além do complexo que se encontra no bairro Engenho de Dentro, subúrbio carioca, encontramos também diversos coletivos e indivíduos dispostos a embarcar nessa construção.

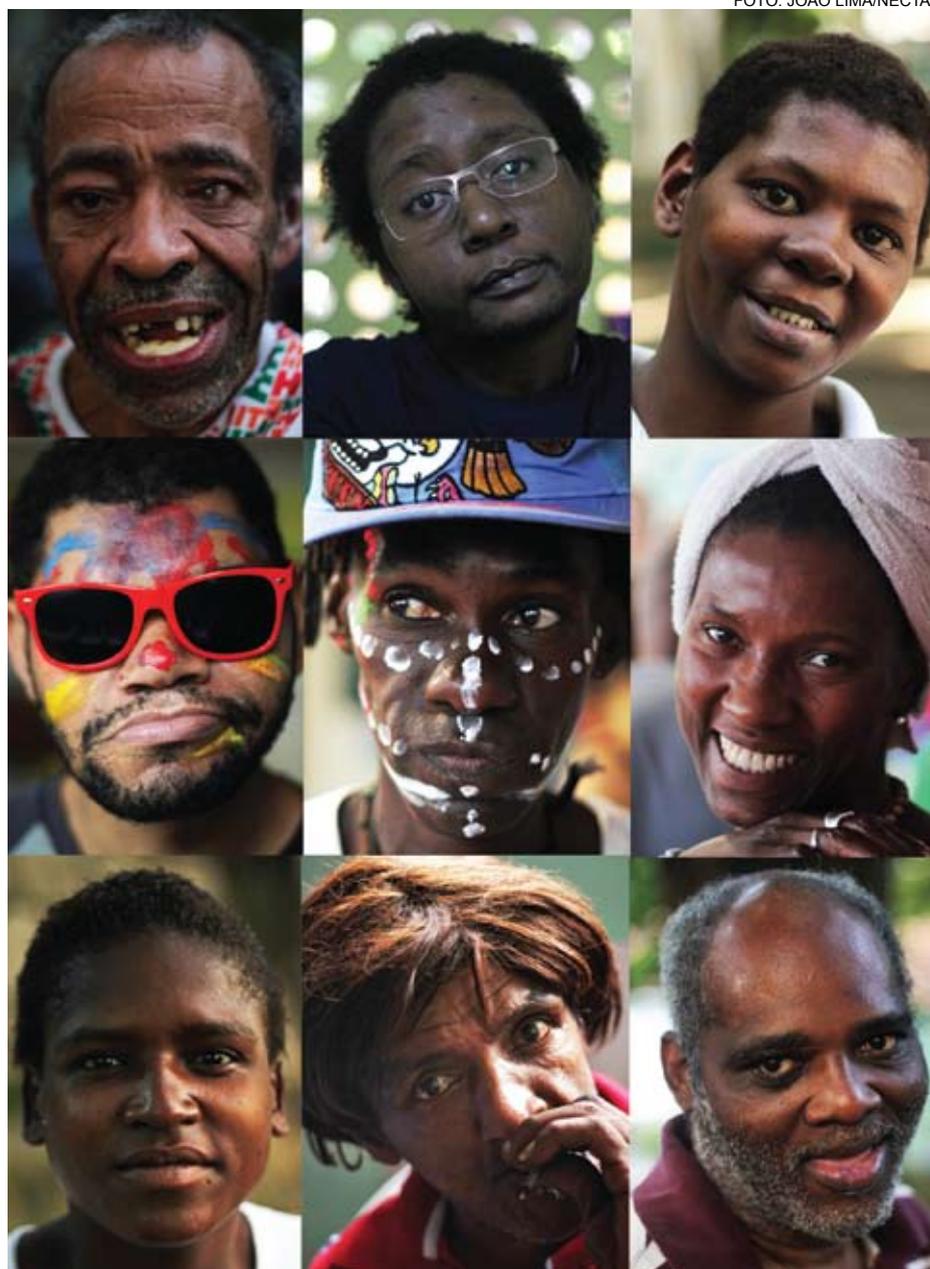


FOTO: JOÃO LIMA/NÉCTAR

**PROGRAMAÇÃO**

**Oficina de Ação Expressiva**  
3ª e 5ª feira | 15h às 17h

**Roda Dialógica do Som**  
5ª feira | 10h

**Cine Sol**  
2ª feira | 14h

**Endereço:** Rua Ramiro Magalhães 521, Engenho de Dentro

**E R R A T A**

Salve rápa, desculpa nós pelo vacilo! No meio dessa correria de 2015 percebemos que a 2ª edição do jornal foi erroneamente impressa com a data no ano de 2014. Vimos através dessa errata avisar que de acordo com o sistema meritocrático, racista e excludente, estamos todos demitidos! Agora deixando a zuera de lado, somos todos criadores e redatores de todo processo de construção. Aqui não existe Willian Bonner e muito menos Ali Kamel. Somos fruto de um trabalho coletivo que não cultua a culpa e não obedece patrões.



Em Outubro de 2014 o Coletivo AIA decidiu propor a criação de um jornal impresso que tratasse da

Nossa intenção é criar um canal de comunicação que fique a disposição dos clientes em tratamento dentro do complexo, a partir daqueles que convivem dentro da ocupação Hotel e Spa da Loucura.

Em pouco tempo de pesquisa, nos deparamos com artistas incríveis e atores geniais, incluindo Luciene

Adão: a escritora que viria a se tornar o pilar do impresso.

O processo não poderia ter mais a ver com a metodologia de Nise da Silveira: a emoção de lidar. Os clientes estiveram presentes durante quase toda a montagem e nos deram um banho de coletivismo.

A REDAÇÃO

# Um grito de resistência: parem o genocídio da população negra!

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



Mãe segura foto de Eduardo (8), assassinado pelo Estado

É com todo o suporte dessa sociedade que se diz miscigenada, branca, da moral e dos bons costumes cristãos, que vemos entre os becos e vielas, nessas madrugadas frias, corpos de jovens negros estirados no chão. O motivo? Não sabemos. Não temos sequer esse direito. A ideologia de miscigenação nos aprisiona e nos deixa a mercê dessa máquina violenta que faz tantas Cláudias e tantos Eduardos por aí. A “diversidade” racial gerou seus filhos, que na verdade são alvos de uma terminologia embranquecedora com o único intuito de apagar nossa identidade: pardos,

mulatos, mestiços e etc. Na realidade não são nada mais, nada menos que o fruto dos estupros de mães pretas em senzalas anos atrás.

Somos silenciados. Aqui a morte usa uniforme: a farda. Seu trabalho é nos deixar o fardo e é só olhar para as margens, contar os corpos e padecer com os resultados: 77% dos jovens exterminados por todas as vias capitalistas estatais são negros, a falsa guerra contra as drogas é um claro pretexto para a guerra civil não declarada ao nosso povo. Não estamos nas faculdades, não estamos nas grandes mídias, a não ser quando se trata

de vender nossos corpos genocidados com o único fim de enriquecer a indústria bélica branca através da cultura do medo.

Já é naturalizado através da telinha o extermínio dos nossos cabelos, da nossa cor, da nossa história, da nossa cultura, das nossas raízes. O Estado que se diz zelador de direitos inalienáveis como saúde e o direito à vida, prova que jamais exercerá tais funções e sempre será o principal caráter assassino quando mantém os corpos negros principalmente

77% dos jovens exterminados por todas as vias capitalistas estatais são negros, a falsa guerra contra as drogas é um claro pretexto para a guerra civil não declarada ao nosso povo

das mulheres, como sua propriedade. Encarcerando, por fim, a nossa autonomia. Aquela que é a mais submetida e a que mais sofre historicamente e estruturalmente por esse sistema. A mulher negra preenche o perfil do descaso, das mortes, das dores. As Marias e Dolores que vos digam.

O Estado em sua essência é e sempre será racista, a população negra e principalmente as mulheres negras continuariam a morrer, não importa quantas medidas paliativas e

reformatórias fossem tomadas. Continuo a vivenciar o cortiço e principalmente o quarto de despejo que esse mundo branco me faz habitar. Sempre a mercê das margens, das bordas, dos morros repletos de complexos de favelas, isoladas do conhecimento intelectual e administrativo que dissemina todas as mazelas que nos atingem. A cidade é segregada. Não temos direito a ela, apesar de sermos nós que a construímos. A mobilidade da população negra e periférica virou mercadoria, fonte de lucro. As estratégias políticas brancas

por trás disso tudo só nos permitem o direito à mobilidade quando é para sustentarmos de forma coercitiva e alienatória essas estruturas que nos sufocam.

O apagamento da identidade é a parte crucial para a prática dessa estratégia. A tensão está no ar, sempre esteve, desde os tempos dos navios negreiros em alto mar, onde as mães pretas arrancavam pedaços de suas roupas surradas para fazer bonecas para que seus filhos parassem de chorar por terem deixado seu ventre, a sua casa, a mãe África. ►

FOTO: THAIS ALVARENGA/CRUA



Manifestação na Grota, Complexo do Alemão

FOTO: THAIS ALVARENGA/CRUA

Manifestação na Grotá,  
Complexo do Alemão

Desde os tempos em que nossas terras foram roubadas, que nossas culturas foram apropriadas, nós vivemos em tensão, em constante medo. Tememos por nossas vidas. As perifas gritam resistência, mas já não aguentam mais chorar

E foi  
exatamente  
ali, em mais  
um beco,  
que cruza  
numa viela,  
a favela  
chorou o pai  
desesperado  
correu, mais  
uma maria  
ajoelhou

tanta saudade. Por que na geografia da cidade o sangue sempre se encontra onde a cor negra é predominante? Por que os hospícios e prisões são predominantemente negros?

Por que as riquezas, a cultura, as empresas, as universidades, mídias e todos os espaços pos-

síveis de manifestações sejam elas artísticas, políticas e até mesmo existenciais, são brancas? Por que o nosso destino é o leito? Por que vivemos cruelmente rápido e morremos de forma lenta e dolorosa? Por que não gritamos aos quatro cantos e a todas as periferias que a música e a filosofia têm matrizes negras? Que o princípio é o ventre e que esse ventre é negro?

Enquanto isso, nos complexos por aí, só ouço o gritante

vazio existencial de tantas e tantas Marias, que perderam seus pequenos filhos Jesus.

Se a favela é uma história, cada beco e cada viela são diversos capítulos. E foi exatamente ali que mais uma vez a favela chorou, o pai desesperado correu, mais uma Maria ajoelhou. Aqui a Páscoa é sem chocolate, só o amargo do fel. O menino Jesus morreu e subiu aos céus, fecha os olhos, a cada tragada degrada o pulmão, o peito aper-

ta e faz calejar em sua mãe o coração.

Resta somente a questão: quando chegará a ressurreição? Quando chegará a libertação?

Precisamos impedir que mais Marias chorem e precisamos agora.

Como diriam os versos do Fação Central, “não aceno bandeira, não colo adesivo, não tenho partido, ódio político. A única campanha que faço é pelo ensino e pro meu povo se manter vivo”. ■



FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET

### Contra a redução da maioridade penal

Reluz - o genocídio  
Reduz - esse ofício  
Produz - o sacrifício  
Conduz - o homicídio  
É Cruz - o subsídio  
Dai a luz - mais um presídio

E é nosso esse resíduo  
Rota, BOPE, Estado, é destrutivo  
E que se foda, que se prenda, que se mate:  
sangra o coletivo em prol do indivíduo.

Se alojam, se aproveitam, são vermes.  
Mas, todo verme há de ficar inerme.

É o que diz a suja moral:

Bandido bom é bandido morto

E a falta de ética impede de perceber o todo:

Quando se mata um, já está nascendo mais outro  
E mais outro, e mais outro.

É o revés: a máquina estatal mata um

E a desigualdade do capital cria mais dez.

Nos meios ilegais nos genocidam, com fogo e com cacetetes já que são capachos de vossos cadetes

Nos meios legais? Nos genocidam varrendo a raiz do problema pra de baixo do tapete.

A redução vai gerar uma nova menção, não é papo de lóki, ó só os menó:

Medo de tomar Choque?  
Não aprendi com o dedo na tomada, foi com o dedo na glock.

Ibu Lucas

COLUNA

# Quando eu morrer quero virar estrela

Por Luciene Adão

Nessa edição Luciene Adão, colunista fixa do Jornal (Re)organISE, expressa as suas vivências por meio da sua visão poética com uma produção exclusiva direcionada à sua negritude. Ela carrega um histórico de internações em uma série de hospitais psiquiátricos há mais de dez anos. Hospitais que muitas vezes são o tapete para onde os nossos corpos negros são varridos por esse Estado que não entende que saúde não se vende e loucura não se prende



## “Sou uma anarquista **negra**”

Uma Mensagem da reça negra  
Eu não publica raça Branca que são ruim com os negre policia ruim  
Porque ois direitos Humana Baixão das comunidades que não Tem ajuda  
Porque eu sou uma negra  
a anarquista negra

documentario sobre vida negra

Meu nome é Luciene adão da Silva  
Minha 31 ano a primeira anarquista  
Negra O Preconceito Raça Negra é pessoa mai humilhado em Todo mundo mais, o verdade é dito a gente é igual dos povo do Raça Negre mais Princesa Izabel e ruim mais Boa meu amigo é todo negro da Paroquia senhor do Bonfim do Grupo de jovem grupo do jovem grupo de oração mais mesmo assim Respeitado com Tudo Mundo porque pobro eu gosto da minha cor negra Eu sou a Primeira mulher negra (anarquista Todo mundo mais povo com Racista com os negro que alguém mexé com todas negritude negra Porra mexe

com comigo eu mora numa comunidade Pobre é negra Humilde negra

Anarquismo não é um outro regime de governo imposto  
Tadiu Policia é ruim mais Eu estou muito Triste e e muito  
mais eu gosto mais eu gosto da vida n meno da a luz da vida

Os braco vou a merda

Eduardo que foi morto uma inosente criança no alemão Os policial é ruim Eles acabou com uma família todo mundo é legal na comunidade  
Por que eu não da policia porque ele são ruim com deus a minha raiva das porra da vida acabada Edu mais está descansano no céu Eu fico muito triste por que policia é vilencia é ruim para todo mundo  
Os negros são Humilha na sociedade seno Bule das escola e tudo  
E o Edu foi morto por que a policia penso

que ele marginal e morreu por calsa da merda do policia Eu como catolica Edu é um no céu anjo

Paraiso das Silva Belas arte desenhos do museu incontinete da nise da silveira  
Eu gosto muito de desenho legais foma abstrata das fomas em detralhes e o mundo é a foma da paz  
O mundo está doente tem que muda está merda por que as pessoa esta mais doente na rua e comunidades pacificada no mundo sem paz  
e eu estou muito triste por que eu não sei que vai acontece comigo  
Eu saudade sem nada mais mesmo eu até suicimo contra própria vida o que é o amor triste derotado sem fim monte castelo é o amo vento no litoral eu sei é amo em selênio e coração pirata

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



# Colorismo: é preciso enegrecer

**S**egundo o dicionário Michaelis o termo pardo (do lat. Pardu) quer dizer: entre o branco e o preto, branco-sujo, V. mulato. O termo mulato por sua vez, segundo Grada Kilomba vem do termo português mula, o resultado do cruzamento entre o cavalo e o burro. Por último o termo mestiço (do esp. Mestizo), aparentemente mais neutro, mas cujo significado é vira-lata, o resultado do cruzamento de cães de raças diferentes. Todos esses termos são associados a animalização, infertilidade e proibição

Quanta falta faz uma identidade? Quanta falta faz a vida, a luz, a terra, a liberdade?

O racismo utiliza do colorismo para nos aprisionar, para nos dividir e abafar a voz que grita pelas nossas raízes. Nos sentimos uma legião de nin-

guéns, pertencentes ao nada.

Os brancos dizem que aqui não é a África, mas a África é aqui sim!

Não somos brancos, então somos o que? Não são os termos criados pela supremacia branca que irão dizer quem somos nós. Não vem com esse

papo de pardo, mulato, moreno ou qualquer outro termo embranquecedor. A minha pele é preta, preto é o lugar onde eu moro. A música que eu escuto é preta, as roupas que eu visto são pretas, minha realidade é preta!

Willy Lynch, um proprietário de escravos, dizia que a melhor forma de manter nosso povo submisso consistia em um método básico: acentuar as diferenças e silenciar as semelhanças.

Lynch dizia que seu método era tão eficaz que seria capaz de deixar por milhares de anos escravos sobre o domínio da supremacia branca. Ele fazia com que os escravos criassem rivalidades pela tonalidade de suas peles, mesmo todos sendo negros. Assim como separava as mulheres dos homens e os mais novos dos mais velhos.

Refletindo sobre a atualidade, observamos a síndrome

lynchiana que continua a alimentar a máquina genocida que prossegue deixando um branco em nossas mentes, fazendo assim nos esquecer das nossas próprias mortes. Termos alguma diferença não anula o fato de termos nascido do mesmo ventre. Não faz sentido algum afirmar com a ciência branca o que é ser negro, quem deve ser negro, como é ser negro. O seu jogo branco de dividir e conquistar resulta em sermos o povo que mais é assombrado por transtornos psíquicos e que estatisticamente têm menor perspectiva de vida, que é colocado à margem da sociedade.

O colorismo se assemelha a dor de perder um ente querido sem nem sequer saber o motivo. O colorismo embranquece a nossa pele, embranquece nossa história, nossa música, nossa luta, nossa vida!

O colorismo é a venda que nos impede de enxergar que nossos irmãos negros são aliados e não inimigos.

Para as mulheres negras o colorismo age de uma forma muito mais dolorosa.

Quando somos crianças não temos nenhuma representatividade. A busca pelo alisamento do cabelo nasce quando ganhamos nossas primeiras bonecas.

E quando vamos crescendo e entrando na adolescência a obsessão pelo padrão de beleza europeu imposto fica cada vez maior. Do pó de arroz, passando pelas tentativas de não pegar sol, até aprender a clarear fotos no computador. Assim, nossa estima fica cada vez mais abalada e nossa solidão mais aguda. Nunca seremos brancas e o colorismo nos faz pensar que não somos negras.

Sofra racismo mas não saiba por quê! Afinal, você é mulata, moreninha, parda.

Não! Nós somos pretas! Carregamos nossos blacks e cachos na cabeça como nossa coroa! Somos quilombolas, jongueiras, curandeiras, griôs e nossa ancestralidade precisa ser reconhecida.

Parem de violentar nossos ventres! Parem de matar nossas famílias!

Irmãs negras guerreiras, precisamos nos reconhecer, nos identificar, nos aproximar e enegrecer todos os espaços, unidas. Somos a resistência em seu significado mais real.

Se você é uma pessoa negra que se identifica com a nossa luta, entre em contato com o nosso projeto e nos ajude a enegrecer ainda mais essas ideias. ■

Acesse: [www.facebook.com/enegrecendoideiasanarquistas](http://www.facebook.com/enegrecendoideiasanarquistas)



**Henkell Noises Garment** é um atelier de pesquisa e confecção de indumentária criativa e inusitada, que aposta na releitura dos costumes cariocas. Tecidos e estampas fora do lugar comum, com uma proposta única. Página: <https://www.facebook.com/henkellnoisesgarment> Contato: [henkellnoises@gmail.com](mailto:henkellnoises@gmail.com) | Tel.: (21) 98474.7424

# Atenção, atenção...

Por Amauri Braga

Atenção é tudo que queremos e que precisamos para viver. Meu nome é Amauri de Souza Braga, sou auxiliar. Assim que me defino, orgulhosamente.

Estou como Funcionário Público há 14 anos, e desde então opero como Auxiliar de Controle de endemias pela Prefeitura do Rio de Janeiro.

Ser auxiliar, e fazer disso um modo de vida me faz sentir realizado. Afinal, todos vivem precisando de auxílio e isso me torna mais um ator no teatro da vida.

Há aproximadamente uns quatro anos o Dr. Vitor Pordeus, assessor do então secretário de saúde, me convidou para fazer parte do Núcleo de Cultura, Ciência e Saúde (NCCS) da Prefeitura do Rio.

Na ocasião o NCCS fazia umas apresentações públicas numa espécie de Feira cultural chamada Celebração da Saúde e Cidadania. Aceitei o convite pensando em trabalhar operando o som nas oficinas e nas apresentações públicas.

Tão logo ingressei tive a oportunidade de conhecer os projetos das Escolas Populares de Saúde, um projeto voltado para as comunidades, pelo qual me interessei e arrisquei. Depois de uma Celebração da Saúde e

Cidadania na comunidade que eu moro, toquei em parceria com um outro agente de saúde uma escola Popular que nós chamamos Vila dos Mineiros.

Conseguimos um espaço bom para realizarmos as reuniões comunitárias, (um clube quase desativado), uma vez que esta parte da comunidade não tem Associação de Moradores.

Realizamos uma única reunião com menos de dez pessoas devido a um ruído de comunicação, apesar de havermos divulgado antecipadamente por várias ruas da comunidade. Após tomar conhecimento, o dr. Vitor, coordenador do NCCS, designou a mim e ao Leonardo dos Santos, o outro agente, para estarmos atuando em um novo projeto que ele daria início, neste caso já era o Hotel da Loucura.

Cheguei aqui para as oficinas de Ação Expressiva meio assustado pelo ambiente e pelas pessoas que, embora estando internadas aqui, tinham acesso às nossas atividades. A princípio eu não entendi nada.

Com o tempo e a convivência aprendi que aquelas pessoas tinham a mesma necessidade que eu, só precisavam de atenção, carinho e afeto.

O tempo passou, aquelas

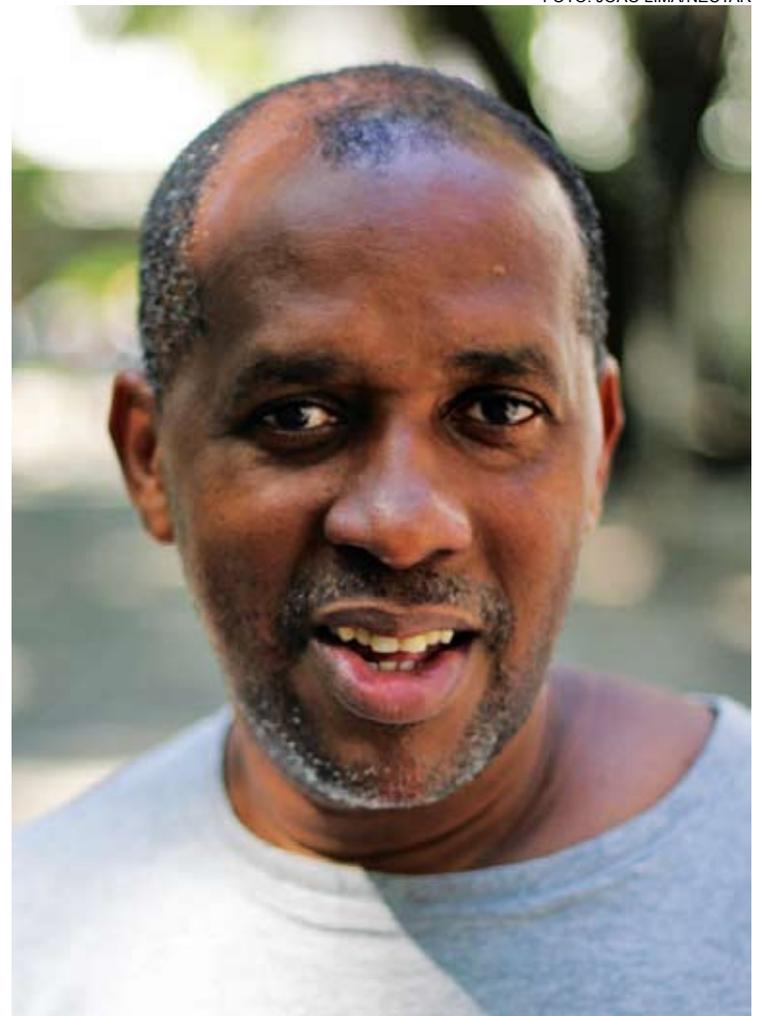
pessoas se tornaram esses clientes que temos hoje, alguns tantos já saíram de alta, outros pra a residência terapêutica, e graças a Deus, bem poucos vieram a falecer.

Mas a verdade é que cada um deles deixou e tem deixado uma marca na minha vida, e acredito que a atenção que lhes tenho prestado tem produzido alguma marca em suas vidas também.

Às vezes sou mesmo abalado pela saudade de muitos deles, mas entendo que se não estão conosco estão bem, quer estejam nas RTs, quer estejam de alta.

Fazer parte do elenco do Hotel da Loucura para mim é uma das melhores formas de viver o que sou, aqui tenho oportunidades de realmente auxiliar, pois sempre tem alguém tentando realizar alguma coisa boa, e mesmo que não solicite entendo que precisam de um auxílio. Quando não estou aqui, estou buscando meios de auxiliar alguém. Pode parecer meio estranho, mas acredito que a sociedade seria muito melhor se cada um tivesse este desejo. É fácil, é bom e é gratificante saber que a tua participação é importante para alguém realizar alguma atividade.

Costumo dizer que não mereço nem quero destaque no



que ajudo a fazer, dificilmente peço ajuda, mas de tanto auxiliar os outros sempre tem alguém a fim de fazer o mesmo.

Aqui no Hotel da Loucura temos um grupo de funcionários públicos e os coletivos sociais que colaboram, cada um com sua característica particular nos permite formar este grande organismo vivo que é a UPAC (Universidade Popular de Arte e Ciência). Acreditando na filosofia de Paulo Freire "Não existe saber mais nem saber menos,

existem os diferentes saberes" e na sabedoria da Dr<sup>a</sup> Nise da Silveira, que pregava e ensinava acerca do afeto catalizador, entendo que a arte de auxiliar os outros nos eleva o conhecimento e cura as nossas mazelas.

Se eu tivesse que resumir esta pequena resenha em apenas uma frase eu diria:

**"ATENÇÃO, RECEBA A MINHA E COMPARTILHE A TUA COM ALGUÉM, ISSO É SABER AUXILIAR" ■**



Conheça a **Use Depois de Ler**, cooperativa de silk screen em roupas, bolsas e acessórios artesanais combativos. Acreditamos na autonomia e no Faça você mesm@! **Acesse no facebook: "Use Depois de Ler II"** e veja os trabalhos construídos nas okupas. Fortaleça as iniciativas libertárias e aproveite os preços baixos! **Contato: [usedepoisdeler@riseup.net](mailto:usedepoisdeler@riseup.net)**

# "O teatro me deu mais coragem"

Com **Mirian Rodrigues**

Com pressa, enquanto se preparava para mais um dia de aula na nova escola, a "empresária da empada" e primeira atriz do Teatro de DyoNises, Mirian Rodrigues, falou um pouco ao JORNAL REORGANISE sobre sua rotina movimentada no campus psiquiátrico do Instituto Municipal Nise da Silveira. Ela nos contou como é desdobrar-se para cumprir a tripla jornada de ser atriz, empreendedora e estudante.

**JORNAL REORGANISE: Quando você conheceu o Hotel da Loucura?**

**MIRIAN:** Foi em 2012, no 2º Congresso da UPAC que eu conheci o Hotel da Loucura. Eu mesma fui, foi quando eu conheci o Vitor (Pordeus). Ele falou "Mirian, vai ter o Congresso" e eu nem sabia o que era o Congresso (risos).

**JR: Conta como foi esse encontro?**

**MIRIAN:** Antes eu ia nas oficinas de teatro, mas só pra vender empada e não participava. Mas o Congresso foi legal, me trouxe muita cultura. Foi aí que entrei no teatro e fui gostando, fui ficando e não saí mais até hoje. Participei de vários espetáculos.

**JR: Como tem sido pra você se dividir entre a vida de atriz e empresária?**

**MIRIAN:** A gente tem que fazer várias coisas ao mesmo tempo. Eu tô me dedicando no teatro, mas preciso vender



FOTO: BÊ LIMA

minhas empadas pra ter minha vida normal. Eu gosto do teatro mas não dá dinheiro.

**JR: Então, qual é a vantagem de se fazer teatro?**

**MIRIAN:** A recompensa de fazer teatro é que traz felicidade, eu me sinto mais fortalecida, me traz uma paz muito grande. Às vezes me cansa também. Mas o teatro me modificou, me deu mais coragem pra encarar o mundo lá fora. Me deu mais força pra lidar com as pessoas melhor, que eu não sabia. Me fez não ter medo das coisas.

**JR: Você voltou a estudar recentemente. Como isso influencia na sua rotina?**

**MIRIAN:** Tô fazendo três coisas, agora eu tenho que ser três em uma (risos). O estudo vai me fazer super bem. O estudo também é uma ferramenta que faz a gente crescer.



ILUSTRAÇÃO: PK/COLETIVO AIA

São dois milhões de jornais impressos para as cidades de Petrópolis, Teresópolis, Friburgo, Rio de Janeiro, Juiz de Fora e Niterói, por mês.

Catálogos variados.

Imprimimos uma média de 200.000 exemplares de revistas, por mês.

Encartes e folheteria.

Livros com impressão de qualidade com acabamentos diversos.

Cartazes, Flyers, Filipetas.

A Sumaúma além de tradição no mercado possui os mais modernos maquinários conferindo mais qualidade para a sua impressão.

**SUMAÚMA**  
EDITORAL GRAFICA LDA

✉ [sumauma@e-tribuna.com.br](mailto:sumauma@e-tribuna.com.br)

☎ (24) 2244-2410

